



## Nota de Abertura

Ambição, Liberdade, Equidade

Na famosa sátira de Harold Benjamin, “The Saber-Tooth Curriculum”, o autor descreve como uma tribo imaginária do Período Paleolítico criou o primeiro currículo educativo baseando-se nas suas necessidades de sobrevivência imediata. Entre outras competências, os jovens da tribo aprendiam a pescar com as mãos, a reunir cavalos selvagens e a usar o fogo para afastar os tigres dentes de sabre - uma das ameaças mais sérias à sua segurança. Naquele tempo, aprendia-se fazendo, imitando quem sabia fazer, estudando as consequências dos comportamentos entretanto aprendidos.

Com a Glaciação estas espécies extinguíram-se e surgiram outras, tais como ursos, antílopes e peixes, exigindo novos conhecimentos e capacidades. Alguns membros da tribo pediram que estas também fossem ensinadas na Escola. Os anciãos responderam: “Escola? Já não estamos na Escola (...) O que têm estas atividades práticas que ver com a Escola? (...) Se quiser manter-se seguro, quente e nutrido o melhor será esquecer as atividades académicas e os seus ideais sobre pescar com as mãos, reunir cavalos ou espantar tigres dentes-de-sabre”.

Perante a insistência dos que defendiam a introdução de aprendizagens sobre as novas espécies e a eliminação de conteúdos menos relevantes sobre a caça ou o maneo de animais entretanto extintos, os anciãos - defensores da memória e do legado do criador do currículo “tigre dentes de sabre” - encerraram a questão: “- Isso não seria Educação (...) A essência da verdadeira Educação é intemporal. É algo que permanece apesar das mudanças das condições, tal como uma pedra se mantém firme no meio de uma torrente furiosa. Deveriam saber que há verdades eternas e o currículo tigre dentes de sabre é uma delas!”

Esta história, publicada há mais de 80 anos, ilustra bem como em Educação é antiga a tensão entre o funcionalismo mais utilitarista e a cultura dos clássicos ou do conhecimento universal. Recupero-a, não porque veja neste maniqueísmo um desafio particularmente fértil, mas porque nos permite projetar três eixos para o desenvolvimento curricular.

1. **Ambição** - não se constituindo como meras agregações de conteúdos, mais ou menos focados nas necessidades imediatas de uma dada sociedade, os currículos educativos devem procurar ser cada vez mais realistas, relevantes, rigorosos e relacionais (ou transacionais). As estes quatro “R” gostaria de acrescentar o desígnio da Ambição. A evidência científica tem demonstrado como o sucesso educativo está intimamente ligado a altas expectativas (de alunos, pais, professores, pares) e à motivação intrínseca dos alunos para perseverar, para

aprender mais, mesmo quando não acreditam nas suas potencialidades, ou acreditam já saber o suficiente para ter sucesso numa dada disciplina. Seria importante que alargássemos as oportunidades para que estes pudessem perseguir os seus interesses na escola (e não só); pudessem aprofundar conhecimentos ou desenvolver capacidades em domínios emergentes ou não previstos nos currícula; pudessem realizar-se aprendendo, indo para além do simples, do óbvio e do “pronto-a-vestir”, construindo e vendo reconhecidas novas aprendizagens, tão complexas quanto as suas ambições.

2. **Liberdade** - não deixa de ser curioso como depois de tanto se discutir a liberdade de escolha dos pais, a liberdade de ensino (muito valiosa), tenhamos avançado tão pouco na liberdade dos alunos para aprender. Curioso é também o facto do campo de possibilidades de escolha dos alunos (apesar de ter aumentado nos últimos anos) se ir estreitando ao longo do seu percurso escolar. Basta olhar para o dia-a-dia de uma boa sala de JI ou do 1.º CEB ... Sem liberdade para propor ou para escolher, sem a contínua prestação de contas aos pares e aos professores, insistiremos em treinar respostas certas em lugar de ajudar os alunos a fazer as perguntas que ainda ninguém fez.
3. **Equidade** - apesar dos amplos progressos já registados este será, provavelmente, o mais complexo desafio dos sistemas educativos modernos. Também aqui o desenvolvimento curricular joga um papel central, pela possibilidade de celebrar a diversidade, de ajustar conteúdos e metodologias às realidades concretas, de responder de forma diferente a necessidades diferentes. As justas medidas da equidade nas nossas escolas são, na minha opinião, a participação, a aprendizagem e o bem-estar.

Diziam os anciãos desta história que a essência da educação é “algo que permanece apesar das mudanças das condições, tal como uma pedra se mantém firme no meio de uma torrente furiosa”. De um certo ponto de vista - que não seria certamente o deles - concordaríamos com esta visão. Essa essência é precisamente a capacidade para se ajustar, para evoluir, para se transformar. Foi assim que chegámos até aqui e é por isso que continuaremos a evoluir. É a nossa natureza.

*Pedro Cunha, Diretor-Geral da Educação*